

Mafalda e o desencanto argentino: Uma análise do espírito argentino nos anos 1960

**Layssa Bauer
Von Kulitz**

Formada pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Para contatos futuros: layssa_bauer@hotmail.com

Resumo: Os anos 1960 foram de um desencanto generalizado com o futuro político e econômico argentino, o que repercutia de forma intensa nas expressões culturais nacionais do país. Ao mesmo tempo em que a invasão cultural americana tomava conta do mercado nacional das histórias em quadrinhos, espaço este que até então permanecia predominantemente nacionalizado, a era de ouro das histórias em quadrinhos argentinas se findava. Neste mesmo período, contudo, um produto genuinamente argentino era criado, encarnando o espírito de desilusão nacional para com os projetos de modernidade do novo Estado argentino, as tirinhas da *Mafalda*. O presente trabalho visa contrastar as tirinhas da *Mafalda* com seu contexto de criação, de modo a evidenciar as ressonâncias entre a desesperança da sociedade argentina nos anos 1960 e a personagem crítica, consciente e cínica que começava a percorrer o território argentino na época.

Palavras Chave: Argentina; histórias em quadrinhos; Mafalda; Quino; desencanto; desesperança; desilusão; 1960; 1970; instabilidade política; crise econômica;

ABSTRACT: The 1960s embodied a generalized disenchantment with the political and economical future of Argentina, which reverberated in an intense manner in the national cultural expressions of the country. At the same time in which the American cultural invasion took place in the national market of comics, space that until then remained predominantly nationalized, the golden age of Argentinian comics ended. In this same period, however, one genuine Argentinian product was being created, incarnating the spirit of national disillusion with the projects of the new Argentine State, the *Mafalda* comic strips. The present article intends to contrast *Mafalda's* comic strips with its context of creation in order to demonstrate the resonances between the disenchantment that overwhelmed the Argentine society in the 1960s and the critic, conscious and cynical character that was starting to wander the Argentine territory at the time.

KEY WORDS: Argentina; comic books; Mafalda; Quino; disenchantment; desperation; disillusion; 1960; 1970; political instability; economic crisis;

O desenrolar dos conflitos internacionais no mundo moderno

A década de 1960 foi testemunha de uma intensa agitação política de escala global, tendo, no começo do século, Kennedy assassinado no mesmo contexto no qual a URSS rompia relações com a China comunista. Ainda na primeira metade da década de 1960, Brasil e Bolívia ingressam no regime de ditadura militar e no mesmo ano, 1964, os Estados Unidos dão início a medidas interventoras no Vietnã. Em seguida, no ano de 1965, invadiram Santo Domingo, capital e maior cidade da República Dominicana. Em 1967, Che Guevara, líder revolucionário idealizador do movimento contra o domínio do imperialismo da América Latina, é assassinado. A Grécia sofre um golpe militar, Israel e Egito entram no que viria a se chamar de Guerra dos Seis Dias e a OLP (Organização pela Libertação da Palestina) é formada. O ano de 1968 foi o ápice da eferescência político-ideológica da década, tendo eclodido em maio, em plena Guerra Fria, uma série de manifestações

e greves na França, sob o *slogan* de “levar a imaginação ao poder”. No mesmo ano, a Espanha sofre os primeiros atentados da ETA (Euskadi Ta Askatasuna), enquanto o Peru sucumbe a uma ditadura militar. Também em 1968, Martin Luther King Jr, líder do movimento em prol dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos é assassinado e, no ano seguinte, se emite para televisões de todo os primeiros passos do homem na Lua.

Enquanto muitos conflitos internacionais começavam a se desenrolar rapidamente, a América Latina vivenciava uma invasão cultural de grande peso, que corroborava para o surgimento de uma cultura de consumo pautada pelo imperialismo cultural disseminado pelos Estados Unidos¹.

A segunda metade do século XX foi, sem dúvidas, um período muito conturbado. A bipolaridade político-ideológica pautava a nova dinâmica mundial de Guerra Fria e, como não poderia deixar de ser, balizava uma nova ordem econômica. Ordem essa que, juntamente ao impasse surgido nos anos quarenta – referente às dificuldades de desenvolvimento de uma base industrial nacional –, mudou grandemente a situação da Argentina nos anos sessenta. O país falhou em alcançar a

Agradecimentos
Sou incrivelmente grata aos membros e colaboradores da Revista Três Pontos pela oportunidade de mostrar meu trabalho a colegas das Ciências Humanas. Sou grata também pelas sugestões e notas feitas pelas pesquisadoras Mara Burkart e Maria da Conceição Francisca Pires, que em muito me ajudaram em repensar as tirinhas da Mafalda.

prosperidade e crescimento que intencionava no início do século; a inflação crônica e os recorrentes ciclos de recessão minavam o seu progresso industrial. Ainda, a estagnação agrícola contrastada com a rápida expansão pós-guerra da agricultura do oeste da Europa, dos Estados Unidos e da Austrália, deixava o país sem perspectivas de um desenvolvimento industrial autônomo e despia-o do único trunfo que tinha: o mercado de exportação de carne e de trigo.

O crescente mercado de exportação de produtos agrícolas e a colonização dos Pampas permitiu que, no século anterior, a Argentina tivesse um rápido desenvolvimento econômico. Contudo, tal movimento ascendente foi gradualmente freado graças, entre outros motivos, a falta de investimentos na renovação técnica da lavoura, que sem uma autêntica classe média agrária foi relegada pelos grandes latifundiários e pequenos proprietários². A carência de investimentos em uma revitalização tecnológica do campo, somada ao esgotamento da fronteira agrícola na região dos pampas e a dificuldades advindas da concentração de terra nas mãos dos grandes e latifundiários tornaram o que antes foi uma base para o crescimento econômico argentino em um dos empecilhos crônicos ao seu crescimento futuro.

Dessa forma, a economia argentina estava fortemente dependente das flutuações do mercado internacional e tendia às estagnações e inconsistências. Esta estrutura econômica estabelecida a partir dos anos 1930 fraquejou quando seus grandes compradores (Estados Unidos e Europa) se fecharam aos produtos agrários externos após a Segunda Guerra Mundial. Apesar dos esforços governamentais argentinos de industrializar o país, a tendência nacional ainda era a estagnação econômica. Na segunda metade do século XX eventos como a crise de 1958, a seca de 1962 e a alta nos preços do petróleo nos anos setenta corroboraram ainda mais para o derrape econômico argentino, mesmo com os planos nacionais de desenvolvimento agrícola e industrial.

Os anos trinta marcaram o início de um conturbado e instável período no que se refere à política argentina. Dia 6 de setembro de 1930 foi estabelecido o fim do governo constitucional de Hipólito Yrigoyen por um golpe dado pelo general José Félix Uriburu, que seria o primeiro de muitos golpes de estado e governos militares que se estenderiam até 1983.

O próprio início da década de sessenta é marcado por um golpe militar dado em 1962, no então governo de Frondizi. Em 1966 a Junta de Comandantes que governava a Argentina foi retirada pela autoproclamada Revolução Argentina que levou o general Juan Carlos Onganía ao cargo de presidente. Durante o governo da então chamada Revolução Argentina muitas dissidências e rachas dentro do próprio movimento levaram a intensos anos de instabilidade e de formação de guerrilhas urbanas (1969-1973). Claro que as nuances das tensões políticas argentinas no século XX agregam muito mais dimensões que simples golpes de estados e governos militares³.

A década de sessenta expôs o começo de uma mudança na mentalidade da sociedade argentina, que desde o começo do século XX assistia a radicalização das divisões sociais e políticas, cada

vez mais violentas, tomarem rumos que contemplovam um dos dois extremos ideológicos da época: o capitalismo estado-unidense e o socialismo soviético, agora recém-adotado por um vizinho próximo, Cuba.

O otimismo que antes pairava nas terras argentinas foi lentamente tomado pelo desencanto que começou a se consolidar nos anos sessenta. Como observou David Rock em seu livro *Argentina 1516-1987, From Spanish Colonization to Alfosín.*, tendo se constituído como um dos países mais ricos do mundo na década de 1920, a Argentina não conseguiu dar continuidade ao projeto de crescimento econômico e estabilidade política. Em seu caminho rumo à modernidade, se mostrou incompetente em acompanhar a nova dinâmica global que se instaurava em um mundo afadigado pelo final da Segunda Guerra Mundial e tenso com a Guerra Fria. O otimismo com que antes se tratava da Argentina logo se rescindiu deixando, em seu lugar, um clima de desencanto, desesperança e desilusão. Tais sentimentos percorriam todo o território latino-americano, dando lugar às “atribuições mais existenciais” no que tange a produções culturais nacionais⁴. É nesse sentido que as expressões artísticas do início do século, comprometidas com a criação de produtos nacionais desligadas de seu passado colonial, se transformaram, nos anos 1950 e 1960, em questionamentos artísticos de cunho existencialista, de contemplação cética e cínica do lugar da América Latina na nova ordem mundial.

Era o fim do período áureo na Argentina. Houve um derrape geral que desanimava as produções intelectuais e culturais da época, principalmente o mercado nacional de histórias em quadrinhos. Em 1960, grandes editoras nacionais fechavam suas portas e as vendas de quadrinhos caíam mais de 40% e obras célebres argentinas que há anos recheavam as bancas de jornal acabavam⁵.

Ao mesmo tempo em que o período áureo era posto em sua cova, uma das criações artísticas mais famosas da Argentina nascia. Nas mãos de Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, Mafalda surge nesta época, encarnando este espírito desanimado perante o futuro e crítico quanto ao presente. Sua visão ao mesmo tempo crítica e inocente do mundo corrobora com a desilusão perante o novo século, não só frente aos problemas vivenciados pela Argentina, mas frente a uma comunidade internacional cada vez mais emaranhada e estranha aos novos olhos do homem contemporâneo. Quino canalizou o espírito de desilusão dos anos sessenta argentino criando um personagem que conseguia se comunicar de forma direta com os seus conterrâneos, justamente por ter se inserido na lógica mercantil vigente na época a qual tanto critica.

Mafalda e o mercado nacional de histórias em quadrinhos

“Después del apogeo de la historieta en la Argentina en las dos décadas anteriores y del “boom” de los últimos cuatro o cinco años, los ‘60 marcan, indudablemente, su primer síntoma de decadencia. No solamente fracasan económicamente revistas hechas “a pulmón”,

¹ John Tomlinson, em seu livro *Cultural Imperialism: A Critical Introduction*, discute acerca dos conceitos mais abstratos do que viria a ser dominação cultural e, mais ainda, disserta sobre se podem ser concebidas as ideias de dominação cultural, assim como de autonomia cultural. Já Petra Goedde, em seu capítulo *The Globalization of American Culture*, publicado junto ao livro *A Companion to American Cultural History*, da coleção *Blackwell Companions to American History*, se adentra nas repercussões internas dos Estados Unidos para a sua ampla entrada cultural em outros países durante o século XX. *The New Cultural History of Peronism*, editado por Matthew B. Karush e Oscar Chamosa possui capítulos interessantes no que tange o surgimento multifacetado de uma cultura de massas e de consumo na metade do século XX. O mesmo se passa no livro *Workers Go Shopping in Argentina: The Rise of Popular Consumer Culture*, de Natalia Milanesio. Com a perspectiva mais voltada ao público jovem, *The Age of Youth in Argentina: Culture, Politics, and Sexuality from Perón*, de Valeria Manzano, se foca no desenvolvimento de uma cultura jovem, ligada a essa mesma cultura do consumo.

² (BARSKY, 2001, p.4)

³ Para mais informações sobre esta discussão, sugere-se o livro *Historia política de la Argentina contemporánea, 1880-1983* de Carlos Alberto Floria e César A. García Belsunce. Assim como o livro *Ditadura Militar Argentina 1976-1983, A:Do Golpe de Estado à Restauração Democrática* de Vicente Palermo.

⁴ (MORSE, 2011)

⁵ (GUAZZELLI, 2009)

como las de Oesterheld (Hora Cero mensual, la última en sucumbir, cierra definitivamente sus puertas en 1963, con su Nº 77 "Extra", mientras que la Hora Cero semanal ya había desaparecido en 1959), sino también los verdaderos emporios económicos como los que sustentaban revistas del tipo de Misterix o Rico Tipo. Entre otras cosas, esto se debe a la llegada en forma masiva a la Argentina de las revistas mexicanas (Editorial Novaro a la cabeza) a precios muy bajos y con una mejor calidad de impresión, con las que el mercado nacional no puede competir. Otro de los factores desencadenantes de esta crisis (y esta vez a nivel mundial) es la creación de la televisión, que a principios de los '60, en Argentina, ya estaba instalada en casi todos los hogares y era "la" moda avasallante, que no dejaba tiempo para nada más y, como si fuera poco, era gratis." (MAJO, 2008, artigo disponível no portal digital www.tebeosfera.com com o nome de "Historieta argentina, la primera mitad de la historia")⁶

Oscar de Majo segue ainda em outro artigo contextualizando o fim da *belle époque* dos quadrinhos argentinos evidenciando que, apesar dos anos sessenta terem se matizado, de fato, por uma baixa produtividade de quadrinhos e uma queda na qualidade de impressão, eles também foram coloridos pela criação de alguns dos quadrinhos mais famosos de toda a história argentina, como *Mafalda* e *Mort Cinder*. A decadência do mercado nacional de quadrinhos permeou a trajetória de Quino, criador das tirinhas da *Mafalda*. No começo dos anos 1960 Quino ilustrava campanhas publicitárias para empresas argentinas, quando recebeu um pedido da agência publicitária 'Agens Publicidad' para criar uma história em quadrinhos que seria usada para divulgar o lançamento de uma linha de produtos eletrodomésticos chamados *Mansfield*, razão pela qual o nome de alguns personagens deveria começar com a letra M. Ao apresentar *Mafalda* como o produto destinado a vender os eletrodomésticos *Mansfield* o projeto foi arquivado. Nos anos seguintes, as tirinhas da *Mafalda* foram editadas em vários jornais até que em 1964, após algumas mudanças estruturais nas tirinhas, *Mafalda* nasce como a conhecemos hoje.⁷

O fim da *belle époque* argentina acontecia em todos os níveis nos anos sessenta, através das turbulências econômicas, da instabilidade política, da busca generalizada por uma identidade nacional e pela invasão de produtos culturais estrangeiros que bombardeavam as bancas e casas, corroborando para o desmonte do mercado nacional de histórias em quadrinhos. De certa forma, as tirinhas da *Mafalda* projetavam em seus personagens e diálogos o espírito desta época desencantada. Desde a sua criação *Mafalda* tem se apresentado como forma de satirização e ironização dos acontecimentos mais recentes de sua época, como a Guerra do Vietnã, a ida do homem ao espaço, os *Beatles*, a ditadura argentina e a questão da inserção da televisão na sociedade como meio de comunicação de massa.

Mafalda, apesar de sua implacável e explícita frustração com o mundo adulto não o critica sobre perspectiva partidária ou ideológica, mantém sua qualidade apartidária justamente por ser uma criança ingênua, contentora de uma mentalidade

simples que não é capaz de compreender a complexidade do mundo adulto, característica que também confere comicidade a seus quadrinhos.

Román Gubern (1992) *apud* (OLIVEIRA, 2008) disserta sobre a travessia da *Mafalda* a chamada "década prodigiosa", movimento que permitiu à mesma se antecipar à explosão contestadora de 1968. Sua contestação não foi àquela proletária a eclodir em Paris visando uma sensibilização às disparidades sociais, mas uma contestação intelectual, que abarca temas como o autoritarismo, a fome, a explosão demográfica e a injustiça social, na tentativa de quebrar com a naturalidade com que lidamos com tais temas. *Mafalda* é capaz de problematizar as proposições mais tradicionais e de desnaturalizar as convenções e costumes mais enraizados.

Humberto Eco (1992) ainda comenta que, mesmo tomando este papel de contestação, *Mafalda* não é uma heroína, como se compunham muitos personagens da época, pois não tem o intuito de amparar pessoas. Esta personagem visa somente criticar comportamentos e situações e pôr a sociedade em questionamento, aspecto bastante ligado ao ambiente desesperançoso argentino do período em questão. *Mafalda* é a personificação de uma menina que recoloca questões cruciais de forma simples e aparentemente ingênua; é uma criança que se espanta diante do mundo; não aceita as normalidades e obviedades da realidade cotidiana. Seus comentários são sempre ácidos e vão de encontro aos ideais da sociedade de consumo.⁸

Os textos de humor exigem que o leitor realize várias conexões entre o que está sendo mostrado na sequência imagética que estrutura uma tirinha e o sentido, simbologia e referência daquilo, movimento que exige o compartilhamento de um arcabouço cultural e social entre o leitor e o cartunista. O resultado dessas inferências leva ao riso. Brait (1996) afirma que para que o cômico surta efeito é absolutamente indispensável que os sujeitos do discurso tenham as mesmas referências, pois está subentendido que os interlocutores se reconhecem como seres inteligentes e capazes de localizá-la. As ressonâncias entre o que está sendo dito nas tirinhas da *Mafalda* e o que está sendo entendido pelo leitor implica que algo de comum permeie esses elementos, e é justamente o espírito crítico, ácido e desencantado com a realidade que perpassa os quadrinhos e os leitores de *Mafalda*.

Corporificação de um espírito contemporâneo

O paralelismo dos acontecimentos correntes nos anos 1960 e das publicações das tirinhas da *Mafalda* mostra o quanto Quino se dispunha a dialogar com a atualidade. Não só dialogar, mas questionar, desnaturalizar e ironizar. As questões do mundo contemporâneo que se abria diante dos fracassos em concluir os projetos de desenvolvimento e progresso modernos postos no início do século, desencadearam uma mudança generalizada de mentalidade. Os anos 1960 evidenciaram o começo desta mudança, que foi consolidada, de fato, nos anos 1970. Como ressaltou Pigna:

6 "Depois do apogeu das histórias em quadrinhos na Argentina nas duas décadas anteriores e do 'boom' dos últimos quatro anos, os 60 marcaram indubitavelmente seu primeiro sintoma de decadência. Não fracassaram somente economicamente revistas tipo 'pulmão' como as de Oesterheld (*Hora Cero* mensal, a última a sucumbir, encerra definitivamente suas portas em 1963, com seu nº77 'Extra', enquanto que a *Hora Cero* semanal já havia desaparecido em 1959), mas também os verdadeiros empórios como os que sustentavam revistas do tipo *Misterix* ou *Rico Tipo*. Entre outras coisas, isto se deve a chegada de forma massiva a Argentina das revistas mexicanas (Editorial Novaro principalmente) a preços muito baixos e com uma melhor qualidade de impressão, com as quais o mercado nacional não pode competir. Outros dos fatores desencadeantes desta crise (e desta vez a nível mundial) é a criação da televisão, que a princípios dos anos 1960, na Argentina, já estava instalada em quase todos os lugares e era 'a' moda avasalladora, que não deixava tempo para mais nada e, como se fosse pouco, era grátis." (MAJO, 2008, tradução da autora).

7 Informações obtidas no site: <http://www.quino.com.ar/bra-quino-biografia.html>. Acesso em maio de 2012.

8 (OLIVEIRA, 2008.)

“Los años sesenta anunciaron una verdadera crisis de hegemonía en la clase dominante: aparecieron nuevas actitudes frente a los valores representados y difundidos. Todo comenzó a ser cuestionado, desde la cotidiana autoridad familiar y escolar, la relación entre el patrón y los trabajadores, hasta la llamada ‘penetración cultural imperialista’ a través de diferentes medios de comunicación, que era vista como el correlato de la injerencia de las empresas multinacionales en la economía argentina.” (PIGNA, 2007. Pg 242)⁹

Nesse sentido, a boa recepção das tirinhas da *Mafalda* é consequência do que esta simboliza. *Mafalda* é a projeção da sociedade argentina do século XX, desencantada e frustrada; contudo, ao mesmo tempo em que retrata uma menina de classe média instruída que se mostra cética quanto ao mundo adulto, desnatura o conformismo ligado a este cinismo. Sua qualidade ingênua e infantil atrela a angústia da contemporaneidade certo ânimo. Seus questionamentos ocasionam não só a problematização do que está sendo falado como também causam certo incômodo, incômodo este que surge quando o leitor é posto frente a frente com as contradições e injustiças do mundo adulto e se reconhece como um indivíduo membro deste mesmo mundo.

Como afirma Voese (2007) *apud* Oliveira (2008), o humor é um fenômeno discursivo que busca a contradição, a transgressão, o deslocamento de algo, quase sempre de modo inesperado, a fim de possibilitar o aparecimento do riso, da crítica e da ironia. Ao criticar, questionar, ironizar e contestar de forma tão ingênua, *Mafalda*, seus amigos e sua família compõem uma obra que acaba por despir o sentido das injustiças e contradições do mundo, fazendo delas desnecessárias. O desencanto que advém do contato com o complexo mundo adulto vem atrelado também ao questionamento do conformismo e da naturalidade com que tais questões são tratadas. Isto acaba por dar certo fôlego ao desamparo argentino, assim como ajuda a explicar a ótima recepção que as tirinhas tiveram na época de seu surgimento.

Considerações finais

As tirinhas da *Mafalda* compreenderam uma transição epocal de uma sociedade argentina ainda presa aos seus projetos de progresso da modernidade a outra sociedade argentina que não mais se atinha às propostas de estabilidade e constância que a modernidade abarcava. As muitas formas de instabilidade e intermitência presentes nas esferas política, econômica e cultural acabaram por se transpor também no âmbito social, levando à permuta do caráter fragmentado, instável e inconstante ao próprio espírito daquela nova sociedade.

As mudanças perpetuadas pela passagem da modernidade a uma pós-modernidade, ou contemporaneidade, acabaram por cimentar uma visão bastante fragmentada, instável e individualizada do mundo. A *Mafalda* se atinou justamente a esse desapego a um projeto de nação e de homem, compreendendo em suas tirinhas um

humor que desconstruía verdades e cotidianidades, sem propor em troca qualquer solução. Tal é o humor contemporâneo, humor que desampara, descontruindo e liquefazendo ideologias e dogmas, sem nada oferecer para amparar o leitor.

O *modus operandi* contemporâneo, sem apresentar quaisquer soluções ou perspectivas de melhora, “não consegue resolver os problemas que aponta, o pós-modernismo ri deles. Ri num sentido de denúncia e renúncia, para combater ou apenas para não chorar das tragédias que o indivíduo enfrenta.”¹⁰ Como afirma Sandra Fontoura, uma das características marcantes no pós-modernismo, é “um teor irônico ou até cômico, para não dizer que tem um toque de loucura, uma vez que não apresenta soluções ou alternativas, apenas aceita passivamente o que o moderno não conseguiu resolver e ri da tragédia cotidiana”¹¹.

Sendo assim, parece natural que Quino, um autor que encarnou essa permuta, se utilize do recurso da ironia, do sarcasmo, do ceticismo e do cinismo como meios humorísticos, afinal, como Georges Minois colocou em seu livro *História do riso e do escárnio*, “a ironia está próxima da consciência do nada”, ela se assemelha muito a tristeza, pois celebra a derrota da razão. Podemos dizer aí que estes recursos bebem da fonte contemporânea no que toca seu derrotismo, pois este pessimismo é fruto das contradições com as quais vivemos, mas que não deixam de ser absurdas e irremediáveis. O humor contemporâneo acaba por envolver todas as facetas sociais, culturais, políticas e econômicas em seu véu de descrença e desesperança. Muito como o que antes foi a arte pela arte, hoje se torna o riso pelo riso.

Claro que, assim como Isabella Cosse aponta em seu livro *Mafalda: História social y política*, a introjeção do espírito da época contemporânea, visível nas tirinhas de *Mafalda*, não pode ser o único fator levado em conta quando se pretende falar do êxito e da perdurabilidade desta obra. Todo um universo de mudanças, trazido pelo novo paradigma político-econômico tido na metade do século XXI, acarretaram em novas concepções sobre a infância, novas formas de pensar as estruturas das histórias em quadrinhos, novas maneiras de agir e de se pensar da classe média, etc. Tudo isso pode ser equacionado na tentativa de perceber como a *Mafalda* se tornou um fenômeno mundial. Contudo, mesmo tendo essa relativização em vista, ainda podemos dar a devida importância ao novo tipo de humor sendo manifestado por entre as falas e ações da *Mafalda*.

Reparando na atitude relativista e desmistificadora do humor contemporâneo, notamos que tudo o que poderia ser considerado íntegro será desmanchado. O humor contemporâneo, assim como o espírito instável e fragmentado da pós-modernidade descrito por Bauman, liquidifica qualquer base ou fundamentação tradicional. A *Mafalda* comporta justamente esse novo módulo humorístico pós-moderno, evidenciando o processo no qual a Argentina se atinha no momento de criação de uma das obras quadrinísticas mais famosas da atualidade.

⁹ “Os anos sessenta anunciaram uma verdadeira crise da hegemonia na classe dominante: apareceram novas atitudes frente aos valores representados e difundidos. Todo começou a ser questionado, desde a cotidiana autoridade familiar e escolar, a relação entre o patrão e os trabalhadores, até a chamada ‘penetração cultural imperialista’ através de diferentes meios de comunicação, que era vista como o correlato da ingerência das empresas multinacionais na economia argentina.” (PIGNA, 2007. Pg 242, tradução minha)

¹⁰ (FONTOURA, 1996, p.33)

¹¹ op. cit.

Bibliografia

- ALONSO, Gerardo López. *1930-1980: Cinquenta Anos de História Argentina*. Buenos Aires: editorial de Belgrado, 1982.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.
- BARSKY, Osvaldo; Jorge Gelman. 2001. *Historia del agro argentino. Desde la Conquista hasta fines del siglo XX*. Buenos Aires: Grijalbo-Mondadori, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Resenha de: COUTINHO, Karyne Dias. Revista Brasileira de Educação, núm. 18, set-dez, 2001, pp. 138-140.
- BELLO, Teresinha da Silva. *Algumas considerações sobre a crise Argentina*. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v.30, nº2, p.251-296, set.2002.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cómico*. Lisboa: Relógio d' Água, 1991.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- COSSE, Isabella. *Mafalda: Historia social y política*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.
- DIAS, Aline Fernanda Alves. *O sujeito nas tiras da Mafalda*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, datilo.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FARINA, Luciana Shiff. *Tiras da Mafalda*. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2010, datilo.
- FONTOURA, Sandra R. H. da. *Ironias da cultura pós-moderna*. In: Revista Signo. Santa Cruz do Sul: UNISC, v.21, n.31, p.33-37, set.1996.
- GLICK, Thomas F. *Ciência e sociedade na América Latina do século XX*. In: História da América Latina: A América após 1930: Ideais, Cultura e Sociedade. BETHEL, Leslie (org.). São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2011.
- GUZZELLI, Eloar. *Grafismos nos pampas: breve históricos dos quadrinhos na Argentina*. In: Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte. São Paulo: Editora Devir, 2009. pg 133-151.
- HALTTUNEN, Karen (editor). *A Companion to American Cultural History*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- IANNONE, Leila Rentroia. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.
- KARUSH, Matthew B.; CHAMOSA, Oscar. *The New Cultural History of Peronism: Power and Identity in Mid-Twentieth-Century Argentina*. USA: Duke University Press, 2010.
- LOVE, Joseph L. *Ideais e ideologias econômicas na América Latina, c. 1930 – c. 1990*. In: História da América Latina: A América após 1930: Ideais, Cultura e Sociedade. BETHEL, Leslie (org.). São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2011.
- LUCENA, Isabella Cristina Amorim de. *O resgate do literal das metáforas conceptuais em Mafalda gerando o humor: uma análise polifônica*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2008, datilo.
- LUNA, Félix. *Argentina: de Perón a Lanusse, 1943-1973*. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, 1972.
- MAJO, Oscar de. *Historieta argentina. La primera mitad de la historia (tebeosfera, buenos aires, 15-xii-2008)*. Tebeosfera, nº 2, nov. 2008. <http://www.tebeosfera.com/documentos/documentos/historieta_argentina_la_primeira_mitad_de_la_historia.html>. Data de acesso: 20 de setembro de 2013.
- MANZANO, Valeria. *The Age of Youth in Argentina: Culture, Politics, & Sexuality from Perón to Videla*. USA: The University of North Carolina Press, 2014.
- MEDEIROS, Fabiano Didio. *Mafalda: Uma análise textual*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2007, datilo.
- MILANESIO, Natalia. *Workers Go Shopping in Argentina: The rise of popular consumer culture*. USA: The University of New Mexico Press, 2013.
- MORSE, Richard M. *O multiverso da identidade latino-americana, c. 1920 – c. 1970*. In: História da América Latina: A América após 1930: Ideais, Cultura e Sociedade. BETHEL, Leslie (org.). São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle de. *A ironia como produção de humor e crítica social: Uma análise das tiras de Mafalda*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2008, datilo.

PIGNA, Felipe (coordenador). *Historia de la Argentina: 1810 – 2000*. Buenos Aires: AZ, 2007.

QUINO. *Toda Mafalda!*. Trad. Andréa Stahel M. da Silva et. al. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RIBEIRO, Vanderlei Vazelesk. *A Roça y La Campana: A questão agrária sob o varguismo e o peronismo em perspectiva comparada*. Tese (Doutorado em História) – programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, datilo, 2006.

ROCK, David. *Argentina, 1516-1987: From Spanish Colonization to Alfosín*. USA: University of California Press Berkeley and Los Angeles, 1997.

SAMPAI, Patrícia Moreira. *O ensino da tradução do humor: um estudo com as tiras da Mafalda*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2008, datilo.

TOMLINSON, John. *Cultural Imperialism*. Great Britain: Continuum, 1991.